

# Homicídio juvenil por arma de fogo e reorganização familiar: um estudo de caso

Daniela Fontoura Domingues  
Ana Carolina Villares Barral Villas Boas  
Maria Auxiliadora Dessen

*Universidade de Brasília  
Brasília, DF, Brasil*

---

## RESUMO

No Brasil, a morte de jovens provocada por armas de fogo tem vitimado inúmeras famílias, exigindo ajustes no sistema familiar para lidar com a perda. Este estudo de caso teve por objetivo investigar fatores de risco e de proteção que interferiram na reorganização da família de um jovem vitimado por homicídio por arma de fogo, nos primeiros cinco anos após o episódio. Participaram da pesquisa a mãe e uma das irmãs da vítima, que responderam a um questionário de caracterização do sistema familiar e a uma entrevista semiestruturada, submetida à análise dos núcleos de sentido. Foram identificados três núcleos: os sentimentos vivenciados frente à perda, o modo como a família lidou com a situação e as mudanças decorrentes do homicídio. O estudo apontou a presença tanto de fatores de risco quanto de proteção que influenciaram as relações interpessoais e a reorganização da família do jovem.

**Palavras-chave:** família; homicídio juvenil; fatores de risco e proteção; resiliência.

## ABSTRACT

*Juvenile homicide caused by firearm and family reorganization: a case study*

In Brazil, the death of young adults caused by firearms has victimized many families, what requires adjustments at the family system in order to handle with the loss. This case study aimed to investigate risk and protective factors related to the reorganization of a family after the death of a young son by firearm, in the first five years after the episode. The victim's mother and one of the sisters answered a questionnaire for characterizing the family system and participated in a semi-structured interview, which was submitted to the analyses of units of meaning. Three units of meaning were identified: feelings about the loss, coping with the situation, and changes in the family. The study indicated risk and protection factors that influenced family dynamics and its reorganization facing the loss.

**Keywords:** family; juvenile homicide; factors of risk and loss; resilience.

## RESUMEN

*Homicidio juvenil por arma de fuego e la reorganización de la familia: un estudio de caso*

En Brasil, la muerte de jóvenes por armas de fuego ha victimado muchas familias, exigiendo ajustes en el sistema familiar para poder enfrentar la pérdida. Este estudio de caso tuvo por objetivo investigar factores de riesgo y protección que interfirieron en la reorganización de la familia de un joven, víctima de homicidio por arma de fuego, en los primeros cinco años pasados del episodio. Participaron del estudio la madre y una de las hermanas de la víctima, que contestaron a un cuestionario de caracterización del sistema familiar y concedieron una entrevista semi-estructurada basada en el análisis de los núcleos de sentido. Fueron identificados tres núcleos: sentimientos vividos frente a la pérdida, forma como la familia actuó frente a la situación y los cambios en el sistema familiar después del episodio. El estudio mostró la presencia tanto de factores de riesgo como de protección, que influenciaron las relaciones personales y la reorganización de la familia ante la pérdida del joven.

**Palabras clave:** familia; homicidio juvenil; factores de riesgo y protección; resiliencia.

---

## INTRODUÇÃO

Os jovens, no Brasil, representam o segmento mais suscetível a mortes por causas violentas, e os homicídios, nesta faixa etária, são considerados os principais responsáveis pelos óbitos (Waiselfisz, 2007). As situações inesperadas que acompanham os episódios podem gerar prejuízos de ordem emocional, social e material, tanto aos familiares das vítimas como à sociedade. A experiência de perder um ente, em tais circunstâncias, é considerada uma grave injustiça que exige diferentes tipos de ajustes por parte da família (Walsh e McGoldrick, 1998), podendo desencadear, nos sobreviventes, comportamentos disfuncionais (Raphael, Stevens e Dunsmore, 2006).

A imprevisibilidade do evento impossibilita que os familiares se preparem para a perda (Miller, 2009), na medida em que não permite a experiência do luto antecipatório, como no caso das doenças graves (Walsh e McGoldrick, 1998). Quando se trata de um jovem, além do fato inesperado, a prematuridade do evento altera as expectativas dos pais em relação à sua prole, já que é presumido que os progenitores venham a falecer antes dos seus filhos (Kovács, 1992). Portanto, os familiares precisam dispor de recursos adaptativos frente às mudanças e às transformações que os homicídios provocam (Salloum e Rynearson, 2006).

A perda compreende três níveis de abrangência (Asaro, 2001). O primeiro refere-se a questões intrapessoais, isto é, desencadeia nas pessoas a sensação de privação da independência, o surgimento de dúvidas quanto às próprias crenças e a incapacidade para lidar com procedimentos legais e de justiça, entre outros. Nesse nível, a severidade do trauma decorrente de um homicídio também pode provocar nos familiares reações de entorpecimento, distúrbios de apetite e de sono, pensamentos intrusivos e sintomas psicossomáticos (Armour, 2002). O segundo nível, que engloba temas interpessoais, trata, por exemplo, de como os familiares podem enfrentar uma crise ainda mais perturbadora quando o autor do homicídio é conhecido ou vinculado à família, o que resulta, com frequência, em rompimentos e desintegração. Neste caso, a unidade familiar tem que lidar com situações adicionais de estresse que dizem respeito às dúvidas sobre os motivos da morte (Salloum e Rynearson, 2006). Mas, independente das razões para os crimes, amigos e irmãos tornam-se vulneráveis a apresentar ideias de vingança (Temple, 1997) e os pais podem expressar sentimentos de frustração e desapontamento em relação ao sistema de justiça (Lohan e Murphy, 2002). Mesmo quando o perpetrador é descoberto, preso e condenado pelas autoridades, a sensação de raiva é capaz de persistir indefinidamente

(Miller, 2009). Por último, no terceiro nível, estão os aspectos extrapessoais, que dizem respeito a problemas financeiros, falta de provimentos e excesso de despesas decorrentes da morte. Tais aspectos ocasionam o declínio do status financeiro e do estilo de vida dos familiares (Asaro, 2001).

As repercussões de um homicídio têm implicações também para a comunidade, pois ao mesmo tempo em que esta pode reproduzir as situações de violência, pode fornecer suporte à família por meio da rede social de apoio. A rede abrange desde instituições presentes no contexto, representadas por líderes comunitários e escolares, até estruturas mais amplas, como a mídia, encarregada de cobrir o acontecimento, e o sistema de saúde (Raphael et al., 2006). A participação ativa do indivíduo na comunidade o ajuda a lidar com os problemas e a melhorar sua autoestima (Andrade e Vaitsman, 2002).

Entretanto, quando a rede social de apoio não promove o suporte necessário, ela contribui para fragilizar ainda mais o sistema familiar. As migrações involuntárias que ocorrem quando há ameaças e represálias à integridade dos sobreviventes, por exemplo, tornam a família mais suscetível a rupturas e a perturbações no seu modo de organização (Mota, Franco e Motta, 1999). Essas migrações representam uma violação aos direitos humanos e podem causar a deterioração da qualidade de vida (Builes, Arias e Minayo, 2008). Neste contexto, os familiares das vítimas precisam dar respostas não apenas ao acontecimento repentino, como também ao trauma provocado pela violência do ato. Portanto, a manifestação de respostas positivas diante da perda é fundamental para a adaptação do indivíduo, constituindo parte do processo denominado resiliência.

Considerada “um fenômeno em que se supera o estresse e as adversidades” (Rutter, 1999, p. 119), a resiliência engloba um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos cuja ocorrência se dá em determinado momento, em combinação com as características do indivíduo, da família e da cultura (Compas e Reeslund, 2009). Tais processos ocorrem com base nos fatores de proteção inerentes aos indivíduos e presentes no ambiente (Cole e Cole, 2004). Os fatores de risco, por sua vez, referem-se igualmente a aspectos individuais e contextuais, mas, em contrapartida, são fatores que aumentam a chance de resultados adversos (Poletto e Koller, 2006).

Portanto, fatores de risco e proteção contribuem para dificultar ou favorecer a adaptação das famílias frente à morte de jovens por homicídio. A reorganização familiar durante o processo de luto, entendido como um momento de crise emocional e relacional, depende não

somente de fatores internos dos enlutados, tais como a estrutura psicológica, o histórico de perdas anteriores e as próprias crenças familiares, mas também de fatores externos, que incluem as circunstâncias do evento, a rede social de apoio e os recursos da comunidade (Franco, 1996, 2005). A compreensão de tais fatores, do ponto de vista processual, requer investigações que abordem o modo como as características individuais, familiares e ambientais associadas ao evento geram respostas adaptativas ou não, por parte de todos os envolvidos.

Focalizar a interação entre os fatores de risco e proteção, peculiares aos indivíduos e ao contexto constitui um caminho promissor para a compreensão da maneira como a família lida com a experiência da morte e como se adapta ao acontecimento. Os eventos que antecedem e sucedem ao falecimento são relevantes para o enfrentamento da perda e repercutem na reorganização familiar, mais do que a morte em si (Assis, Pesce e Avanci, 2006). Em uma perspectiva sistêmica, é possível compreender as mudanças que ocorrem na unidade familiar, uma vez que os reflexos do acontecimento acabam por afetar todos os membros dessa unidade e suas relações (Walsh e McGoldrick, 1998). Nesse sentido, a aliança estabelecida pelos indivíduos estimula a criação de uma estrutura restaurativa, cujo objetivo é preservar a coesão entre os membros da família (Salloum e Rynearson, 2006).

Contudo, a reorganização dos indivíduos, da família e da comunidade não acontece de forma imediata. Determinadas tarefas necessitam de tempo, como a busca de sentido para o óbito e as transformações na identidade e no papel dos sobreviventes (Raphael et al., 2006). Do ponto de vista cronológico, transpor o período subsequente ao fato é um desafio para a família que oportuniza a elaboração da experiência.

A literatura que aborda as repercussões psicológicas do luto envolvendo situações traumáticas pouco tem valorizado os aspectos positivos que essa experiência pode oferecer (Parappully, Rosenbaum, Daele e Nzewi, 2002). No entanto, as particularidades do episódio da perda estão, cada vez mais, sendo priorizadas em relação aos aspectos patológicos do luto (Kovács, 2003). O fenômeno da resiliência, embora comum, ainda é raramente mencionado em estudos dessa natureza, apesar do interesse de pesquisadores do desenvolvimento humano, nos últimos anos (Bonanno, 2004, 2006). Neste sentido, este estudo teve por objetivo investigar fatores de risco e de proteção que interferiram na reorganização da família de um jovem vitimado por homicídio por arma de fogo e, conseqüentemente, as respostas do sistema familiar frente às mudanças.

## MÉTODO

Participou deste estudo a família de origem de um jovem de 19 anos, vitimado por homicídio por arma de fogo, cinco anos antes da coleta de dados. A família era formada por quatro adultos e quatro crianças, com idades que variavam de três a sete anos. Os adultos que faziam parte da família eram as três irmãs do jovem falecido – identificado pelo nome fictício de João – e sua mãe. As crianças eram netos da progenitora, filhos de duas irmãs de João. Duas pessoas deste núcleo familiar foram convidadas a participar do estudo: do sistema parental, a mãe do rapaz, de 53 anos, ensino fundamental incompleto; e do sistema fraternal, a irmã mais velha, de 28 anos, ensino médio completo. As participantes residiam em área urbana, em casa própria, há 18 anos, sendo que a mãe trabalhava como empregada doméstica e a irmã como recepcionista em uma instituição. A renda familiar era de aproximadamente três salários mínimos e meio.

Residente em uma das regiões administrativas do Distrito Federal, a família foi selecionada por meio da indicação de um representante de movimento que atua em prol da paz, no DF, e que consultou previamente a irmã da vítima quanto à sua possível participação. Esta estratégia de seleção foi adotada considerando a dificuldade de acesso a famílias nessas condições, receosas quanto à sua exposição. Mãe e filha concordaram em participar do estudo por ocasião do primeiro contato da pesquisadora com a família, feito por telefone.

### Procedimentos para coleta e análise de dados

A coleta de dados foi realizada na própria residência da família, em uma única visita, e teve a duração de três horas. Este local foi escolhido por ser o ambiente natural da família e, sobretudo, por ter sido a moradia do jovem por vários anos. Um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi utilizado para registro da anuência dos envolvidos na pesquisa, cujo projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da universidade em que foi conduzido.

Foram aplicados um roteiro de entrevista semiestruturado e um questionário de caracterização do sistema familiar. O roteiro da entrevista foi elaborado para o presente estudo com o objetivo de investigar a percepção de cada uma das participantes sobre os seguintes temas: as circunstâncias da morte do jovem, as dificuldades enfrentadas após o episódio, os diferentes tipos de ajuda recebidos pela família, o relacionamento entre os familiares (antes e após a perda) e as concepções de família. As entrevistas, gravadas em áudio, foram realizadas separadamente com a mãe e

a irmã, e tiveram a duração, respectivamente, de 40 minutos e de 1 hora e 15 minutos. Já o Questionário de Caracterização do Sistema Familiar (Dessen, 2009) incluiu perguntas sobre idade, nível de escolaridade, ocupação dos participantes, renda, saúde e eventos importantes ocorridos na história de vida da família. O questionário foi respondido pela mãe, com a ajuda da irmã, e sua aplicação durou aproximadamente 45 minutos.

As entrevistas foram transcritas na íntegra e, para o tratamento dos dados coletados, utilizou-se a análise dos núcleos de sentido (Mendes, 2007), baseada em Bardin (1977/2007). Para a primeira autora, a análise dos núcleos de sentido (ANS) implica na reorganização do texto com base na identificação de temas significativos na fala das participantes, apreendidos por meio da força psicológica, lógica e semântica com que se apresentaram no *corpus* do texto. Três juízes identificaram os temas sobressalentes e anotaram as verbalizações correspondentes, que foram, posteriormente, agrupados em núcleos de sentido e submetidos às regras de exaustividade, exclusividade, homogeneidade e pertinência, conforme sugerido pela técnica. A seguir, os núcleos de sentido foram definidos com base nas verbalizações e uma das falas foi escolhida para nomear cada núcleo, conforme apresentado a seguir.

## RESULTADOS

Os resultados estão descritos em duas partes. A primeira aborda a história progressa do núcleo familiar, os aspectos da trajetória do jovem e as circunstâncias do episódio. A segunda parte apresenta os três núcleos de sentido encontrados, a saber: os sentimentos vivenciados em relação ao evento, o modo como a família lidou com a morte e as mudanças no sistema familiar ocorridas após a perda.

### **História progressa do núcleo familiar, aspectos da trajetória do jovem e contextualização do episódio**

João pertencia a uma família que já havia enfrentado muitas dificuldades financeiras e apresentava um histórico de violência doméstica. Seus progenitores haviam sido casados por 23 anos e, há cerca de dez, estavam separados. Durante o tempo de união, o pai costumava fazer uso de violência para solucionar conflitos no ambiente familiar, sobretudo quando alcoolizado. Em virtude da dependência química, a trajetória da família foi pautada por sucessivos distanciamentos e reaproximações entre o pai e seus filhos e por períodos de privação em relação

às necessidades básicas de alimentação e moradia. Mesmo após a separação conjugal, a mãe de João permaneceu cuidadora do ex-companheiro, em razão de sua debilidade física e emocional. A família exercia, ainda, um importante papel no sustento e manutenção do progenitor.

João era um jovem de 19 anos, que desempenhava o ofício de serralheiro e ajudava no sustento da casa. Residia com sua família de origem, e sua namorada estava grávida de sete meses. Esta, entretanto, residia em outro local e se encarregava de seus próprios cuidados. João era o único homem de quatro filhos, estimado por todos os familiares e com ótima afinidade com a progenitora. Era uma pessoa tranquila, sem envolvimento prévio em delitos ou uso de drogas e bem querido na comunidade, de acordo com o relato da mãe e da irmã.

Nos finais de semana, João costumava sair com amigos e parentes para se divertir. Em uma dessas ocasiões, acompanhado de dois cunhados, foi a uma boate localizada em outra região administrativa do DF, distante de sua casa. Segundo relato das testemunhas, João e os cunhados envolveram-se em uma briga dentro da boate, mas os motivos nunca foram esclarecidos, tampouco quem teria iniciado a confusão. O disparo ocorreu em frente ao local, já na rua, quando um rapaz envolvido na briga aproximou-se e começou a discutir, sacando uma arma e disparando contra os três. Um dos disparos atingiu João, na altura da garganta.

Em virtude da falta de esclarecimentos sobre o fato, até o momento da realização deste estudo, existiam dúvidas sobre o motivo do homicídio, a maneira como havia ocorrido e a participação efetiva do jovem no episódio. À época da coleta, cinco anos após o homicídio, os sobreviventes tentavam lidar com a situação de uma forma menos intensa do que logo após a perda e dar continuidade às suas vidas, mas, ainda assim, os efeitos da morte violenta do jovem permaneciam presentes na trajetória da família.

### **Sentimentos, modos de enfrentamento e mudanças no sistema familiar após a perda**

O primeiro núcleo, relacionado aos sentimentos vivenciados, foi representado pela verbalização “Porque eu guardo muita mágoa de tudo isso que aconteceu” e englobou temas como dor, culpa, mágoa, revolta, desejo de vingança, saudade, sensação de injustiça e dúvidas sobre o fato. Quanto a este núcleo, a progenitora relatou sua tristeza e desapontamento com a justiça em razão da punição estabelecida à pessoa que tirou a vida de seu filho. O mesmo sentimento era compartilhado pela filha, que não se conformava com

a pena imputada, como mostra a verbalização “porque quando o juiz falou que ele tinha pegado sete anos e foi considerado um crime simples, eu não entendia o porquê foi considerado um crime simples. Como é que matar uma pessoa é um crime simples?”

A mãe afirmava não sentir ódio do perpetrador da violência, justificando que acreditava que esse sentimento a deixaria ainda pior. Nas suas palavras: “Agradeço muito a Deus por isso, que eu não consigo ter ódio dele assim. E também não vale a pena, isso vai prejudicar a mim mesma eu ter ódio de alguém”. Já a irmã de João expressou ambivalência de sentimentos. Ora procurava um culpado pelo fato, ora entendia que ninguém tinha culpa. Admitia ter raiva e estar revoltada com a situação, embora tivesse vontade de se livrar desses sentimentos. Manifestava o desejo de vingarse do responsável pelo ato: “A minha vontade era matar ele”.

A mãe aguardava uma solução divina para o caso, entendendo que somente Deus poderia dar uma resposta ao assassino, já que tinha dúvidas sobre o acontecimento, pois as duas pessoas que estavam com seu filho, no momento do homicídio, contavam histórias diferentes. Pelo comportamento pacífico do filho, a mãe relatou que nunca pensou que passaria por situação semelhante: “Quando a mãe tem um filho assim que é briguento... que usa droga, que é... ela sempre espera alguma coisa... o filho rouba, é arriscado acontecer alguma coisa, mas meu filho não.” A família declarou ainda ter saudades do irmão e filho e sofrer muito com a sua ausência.

O segundo núcleo diz respeito ao modo como a família lidou com a morte do jovem, ou seja, as formas de enfrentamento, e foi representado pela verbalização: “A gente mantém o silêncio, não toca nesse assunto. Ninguém toca, ninguém fala”. Neste núcleo, foram identificados temas que envolviam a espera dos familiares pelo retorno do jovem, o fato de não falarem no assunto, a busca de conforto e força na fé e a falta de apoio das pessoas da família.

Para lidar com a ausência de João, a família recorria a estratégias variadas. A mãe do jovem dizia ter esperança de um dia poder reencontrar o filho; “eu botei na minha cabeça que ele viajou, que com o tempo a gente vai se encontrar novamente”. Essa espera da matriarca também é evidenciada na fala da filha: “Ela (a mãe) acredita que vai encontrar com ele. Que, que ele só veio fazer o caminho [...]. Isso deixa ela forte.” A espera pelo retorno de João, contudo, também foi vivenciada pela irmã logo após o evento, tendo relatado sobre a época do episódio: “Quando você chegava na minha casa, eu tava em pé na porta, esperando que uma hora ele ia entrar”.

Apesar da espera pelo retorno do filho, a mãe relatou, ainda, que para lidar com a situação, buscava apoio na fé, procurava ter pensamentos positivos e acreditava que Deus encheria sua casa novamente, por ter lhe proporcionado conviver com netos: “Pra enfrentar mesmo, é só ter muita fé em Deus e só.” A esse respeito, a irmã complementou: “Minha mãe é muito forte espiritualmente, eu acho, sabe. Ela sempre faz as orações dela [...]. Eu acho que pra minha família [o que ajuda] mesmo é a fé que eles têm em Deus.” Já, a própria irmã, não encontrava o mesmo apoio na fé: “Eu não tenho essa fé que elas têm...”

Ao mesmo tempo em que a mãe buscava apoio na fé, a família evitava falar no assunto. A mãe tentava se conformar com a perda do filho quando dizia que a vida tinha de continuar, mas afirmava que uma parte de si partira para sempre. A irmã procurava não dividir com ninguém sua dor, na tentativa de evitar o sofrimento materno. Também não gostava quando tocavam no nome do irmão e se referiam a ele como “o finado João”. Relatou ainda que, no início, procurou ajuda psiquiátrica para tentar amenizar o problema, pois não aceitava a morte do irmão.

A mãe referia não ter recebido muito apoio da família extensa, apenas de pessoas da igreja residentes na comunidade, ainda que somente logo após a morte do filho: “As pessoas vieram aqui... aí vinha... teve uma senhora da igreja que vinha aqui em casa... conversar com a gente, a gente orava, cantava, sabe. A igreja veio aqui. Mas assim de vizinho... essas coisas assim, isso não existe.” E continua: “Eu acho que tá tendo tanta morte... tanta coisa, eu acho que o pessoal já tá acostumado que ninguém se assusta mais, ninguém...”

O terceiro e último núcleo se refere às mudanças no funcionamento familiar após a perda de João, e é representado por meio da seguinte fala: “Ninguém, ninguém na minha família faz mais Natal, faz mais Ano Novo depois que a gente perdeu meu irmão. Cada um por si agora. Cada um segue seu rumo.” Os temas pertinentes ao núcleo foram: distanciamento entre as irmãs, a família não se reúne mais para eventos comemorativos, cada membro tem sua vida independente, houve mudança na concepção de família, aproximação entre mãe e filhas, melhor autoestima da progenitora e reorganização afetiva.

A mãe lamentava a perda da cumplicidade que havia entre as três filhas. Afirmou que eram amigas, mas a falta de clareza quanto às circunstâncias que precipitaram o homicídio provocou distanciamento, devido ao envolvimento dos cunhados. Nas suas palavras: “Agora tá muito ruim. Porque só são três irmãs e uma praticamente não fala com as outras.” Assim como a mãe, a irmã de João também relatou o

afastamento entre ela e suas irmãs. A tristeza substituiu a alegria; as irmãs mudaram o comportamento e tornaram-se mais agitadas e agressivas. E a casa, que vivia cheia de gente, ficara vazia. A progenitora contou que pelo fato de ter sido o único homem da casa, João exercia um papel de destaque. Neste sentido, as concepções de família também foram alteradas com sua ausência.

Além das relações entre irmãs, o comportamento da mãe na família também mudou, pois como tinha muita proximidade com João, a genitora teve que aproximar-se das filhas para não sentir-se tão só. Assumiu uma postura mais ativa e de autoridade em casa, que antes era desempenhada por João, ao mesmo tempo em que buscou apoio e amizade das filhas: “Ela sempre falou mais com meu irmão. Aí, depois que ela perdeu meu irmão, ela passou a procurar a gente, assim, mais, pra ser amiga dela.” Finalmente, após a morte de João, a irmã relatou, ainda, que a mãe iniciou um novo relacionamento amoroso.

No que tange ao conceito de família, a irmã disse ter mudado sua concepção, entendendo que a família era um conceito relacionado a laços de consanguinidade: “Hoje eu considero minha família: eu, minha mãe e meus sobrinhos, meu filho [...] a partir do momento que a pessoa não tá caminhando junto com você, não tá fazendo nada pra te ajudar em nada, eu já não considero da minha família.” A mãe, por sua vez, destaca a mudança e a necessidade de união entre as irmãs: “Porque são só três irmãs sozinhas, eram pra ser muito unidas elas três.”

## DISCUSSÃO

Pela história pregressa de João e de sua família é possível identificar fatores de risco para o desenvolvimento familiar, como o alcoolismo do pai, a violência doméstica e as dificuldades financeiras. Ainda assim, no que concerne ao relacionamento entre mãe e filhos, a trajetória da família foi pautada, até a perda de João, pela união, o que pode ter constituído um fator de proteção para o enfrentamento das adversidades, apesar da escassa atenção e apoio fornecido pelo Estado à família.

O primeiro núcleo descrito, referente aos sentimentos, mostra a presença de sensações diversas suscitadas após a morte de João, as quais também dizem respeito ao tipo de relacionamento que cada integrante mantinha com a pessoa falecida (Walsh e McGoldrick, 1998), bem como ao seu estágio no curso de vida e à sua própria história. Enquanto a mãe evitava sentimentos de ódio, a irmã do jovem vitimado manifestava seu desejo de vingança em relação ao

perpetrador, sentimento este que pode se configurar como risco para o enfrentamento. Conforme destacado por Temple (1997), esta vulnerabilidade frente à ideia de vingança aparece de forma bastante explícita em pessoas do sistema fraternal.

Para Armour (2006), os sobreviventes de um homicídio frequentemente experimentam sentimentos de fúria, dor e tristeza; em geral, oriundos de um sistema de justiça ineficiente e da falta de visibilidade dada ao problema. A família deste estudo não aceitava as explicações das testemunhas do episódio, os próprios maridos das irmãs da vítima, por serem inconsistentes e descontraídas. Fatos não esclarecidos parecem contribuir para a sensação de impotência e incerteza da família acerca do evento, o que se configura como um fator adicional de estresse (Salloum e Rynearson, 2006).

O luto pode nunca ter fim se as pessoas acreditarem que não houve punição aos responsáveis pelo episódio (Walsh e McGoldrick, 1998). Para a família, permanece a ideia de injustiça, tendo em vista a pena imputada ao perpetrador do homicídio, condenado a 7 anos e tendo cumprido apenas 3 anos de prisão. Mesmo quando o perpetrador é preso e condenado, como no presente caso, a sensação de raiva e inconformidade é capaz de persistir indefinidamente (Miller, 2009), dificultando o processo de readaptação do indivíduo. O fato de os membros familiares expressarem seu desapontamento em relação ao sistema de justiça também tem sido apontado pela literatura (Lohan e Murphy, 2002) e ajuda a compreender a busca da progenitora pela prática religiosa. A crença em Deus pode representar uma estratégia capaz de atenuar o sofrimento e a sensação de impunidade. Desta forma, o sentimento de injustiça pode ser dirimido diante da expectativa de uma solução divina, o que poderia atuar como fator de proteção e auxiliar no enfrentamento da perda. Por outro lado, essa alternativa não é verbalizada pela irmã, evidenciando as diferenças individuais no sistema familiar.

Por meio do núcleo de sentido “A gente mantém o silêncio, não toca nesse assunto. Ninguém toca, ninguém fala”, é possível identificar a maneira como a família lida com a perda, incluindo as dificuldades de abordar o assunto e demonstrar o que sentem em relação ao ocorrido. Em algumas famílias, as manifestações de protesto e choro não são bem-vindas e são até desestimuladas, o que compromete a comunicação das emoções no contexto mais íntimo das relações (Bowlby, 1982). No presente caso, na tentativa de impedir um suposto aumento no sofrimento da mãe, a postura evitativa da irmã pode estar dificultando o processo de enfrentamento da morte. O fato de não tocarem no assunto, mesmo após cinco anos, sugere também a

negação do episódio, agravada pela imprevisibilidade da perda e pela incompreensão do homicídio na trajetória de vida do jovem.

Por outro lado, orações e preces religiosas parecem auxiliar na busca de paz e conforto. Aspectos espirituais, crenças religiosas e fé ajudam a dar um novo sentido ao acontecimento, recriando os laços familiares e contribuindo para o alívio da dor, sendo estes, parte do processo de resiliência dos enlutados, por ocasião de perdas traumáticas (Lord, 2006). A busca pela fé, todavia, não é compartilhada por todos os membros da família, mas é vivenciada principalmente pela mãe.

De maneira similar, o papel da rede social de apoio exerce influência tanto no período imediato à perda, quanto na recuperação dos sobreviventes ao longo do tempo. Para a família, o suporte oferecido por instituição religiosa presente na comunidade, por exemplo, ajudou os familiares a lidar com a situação, o que tem sido apontado como um aspecto importante para o enfrentamento dos sobreviventes (Andrade e Vaitsman, 2002). Entretanto, aspectos deficitários dessa mesma rede, como a ausência de amparo por parte da família extensa e da vizinhança, debilitou ainda mais o sistema familiar. Para a mãe, colaborou para este fato a banalização da morte, pois, segundo ela, as pessoas já se acostumaram a adversidades dessa natureza, o que torna os sobreviventes mais desamparados e céticos quanto ao futuro.

No terceiro núcleo de sentido, ficam evidentes as transformações ocorridas no sistema familiar em razão da perda de João. Apesar de decorridos cinco anos, a família ainda encontrava-se em processo de reorganização. A falta de coerência nos relatos das testemunhas, membros da família extensa, parece ter favorecido o distanciamento entre as irmãs e a dificuldade nas relações interpessoais. Se por um lado, os papéis estavam cristalizados antes do homicídio, por outro, houve uma tentativa por parte da progenitora em retomar seu lugar de autoridade. Aspectos saudáveis dos indivíduos e da família, quando mobilizados, podem constituir uma fonte potencial de recuperação e cooperar para o processo adaptativo (Walsh, 2007). Mesmo diante da dor, a mãe de João conseguiu adotar uma postura mais produtiva e ativa na família. De acordo com Parappully et al. (2002), as pessoas sobreviventes de determinadas experiências enxergam a si mesmas como capazes de enfrentar adversidades e sair até fortalecidas das situações. Neste estudo, a determinação da progenitora no enfrentamento da perda favoreceu o surgimento de mudanças intrapessoais, como o início de relação afetiva com novo parceiro e o exercício do papel de autoridade no contexto familiar,

além de transformações interpessoais, referentes à sua aproximação com as filhas.

## CONCLUSÃO

Para a família, as consequências do óbito abrangeram diferentes aspectos: desde o relacionamento entre os membros do núcleo familiar até o significado de família. As irmãs distanciaram-se entre si, ao passo que a mãe foi gradativamente unindo-se a elas. Ocorreu uma transformação no comportamento da progenitora que passou a exercer autoridade, estabelecendo fronteiras mais nítidas entre os papéis de mãe e filhas. Ao firmar uma relação afetiva com um novo parceiro, fortaleceu a autoestima e ampliou a rede de apoio. Essa atitude pró-ativa da mãe reflete as suas tentativas de adaptação à perda do filho, sugerindo uma redefinição em suas prioridades, crenças e objetivos.

Portanto, a crise provocada por uma perda carrega a possibilidade de crescimento e desenvolvimento, assim como o potencial para disfunções e prejuízos no decorrer do tempo (Walsh e McGoldrick, 1998). O caos desencadeado por rompimentos ou mortes repentinas e violentas exige apoio dentro e fora do sistema familiar. Quando este suporte não está presente, pode agravar as situações de risco (De Antoni e Koller, 2000). A família deste estudo relatou tanto fatores de risco quanto de proteção que influenciaram as relações interpessoais, a reorganização familiar e a adaptação dos familiares frente à perda de João.

Dentre as estratégias utilizadas pelos familiares para o enfrentamento do episódio, o exercício da religiosidade mostrou-se um recurso relevante e demonstrou a escassez de apoio fornecido pelas autoridades e pelo sistema de saúde. Por não ter a quem recorrer, a família buscou amparo na fé, não apenas para atenuar a sua dor, como também na tentativa de reparar os danos sofridos pela perda. A crença em um ser supremo, Divino, parece ter substituído a resposta esperada dos meios legais na resolução do episódio.

De acordo com Armour (2002), apesar da vasta literatura a respeito dos homicídios, a família que teve um ente vitimado ainda é negligenciada. Considerando o grande número de jovens que, todos os anos, perdem a vida de forma abrupta e violenta no país, ainda são poucas as iniciativas direcionadas a evitar mortes desse tipo. As adversidades enfrentadas pelos sobreviventes e a falta da atuação do Estado no período pós-perda indicam a necessidade de maior atenção ao problema e investimentos em estudos na área, bem como a construção de práticas profissionais e de políticas de assistência às famílias.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, G.R. & Vaitsman, J. (2002). Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciências e Saúde Coletiva*, 7(4), 925-934.
- Armour, M.P. (2002). Journey of family members of homicide victims: a qualitative study of their post homicide experience. *American Psychologist*, 72(3), 372-382.
- Armour, M.P. (2006). Meaning making for survivors of violent death. In E.K. Rynearson. *Violent death: resilience and intervention beyond the crisis* (pp. 101-122). New York: Routledge.
- Asaro, M.R. (2001). Working with adult homicide survivors, part I: impact and sequelae of murder. *Perspectives in Psychiatric Care*, 37(3), 95-101.
- Assis, S.G., Pesce, R.P. & Avanci, J.Q. (2006). *Resiliência: enfatizando a proteção dos adolescentes*. Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M.A. (2009). Questionário de caracterização do sistema familiar. In L. Weber & M.A. Dessen. *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados* (pp. 102-114). Curitiba: Juruá.
- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70. (Originalmente publicado em 1977)
- Bonanno, G.A. (2004). Have we underestimated the human capacity to thrive after extremely aversive events? *American Psychologist*, 59(1), 20-28.
- Bonanno, G.A. (2006). Grief, trauma and resilience. In E.K. Rynearson. *Violent death: resilience and intervention beyond the crisis* (pp. 31-46). New York: Routledge.
- Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Builes, G.M.G., Arias, G.M.A.A. & Minayo, M.C.S. (2008). Las migraciones forzadas por la violencia: el caso de Colombia. *Ciencia e Saúde Coletiva*, 13(5), 1649-1660.
- Cole, M. & Cole S. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente* (4ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Compas, B.E. & Reeslund, K.L. (2009). Process of risk and resilience during adolescence. In R.M. Lerner, & L. Steinberg. *Handbook of adolescent psychology* (3ª ed.; vol. 1): (pp. 561-588). New Jersey: Wiley.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, 5(2), 347-381.
- Franco, M.H.P. (1996). Luto: a morte do outro em si. In M.H.P. Franco, M.J. Kovács, M.M.M.J. Carvalho & V.A. Carvalho. *Vida e morte: laços de existência* (pp. 99-121). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Franco, M.H.P. (2005). Atendimento psicológico para emergências em aviação: a teoria revista na prática. *Estudos de Psicologia*, 10(2), 177-180.
- Kovács, M.J. (2003). *Educação para a morte: temas e reflexões*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kovács, M.J. (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lohan, J.A. & Murphy, S.A. (2002). Family functioning and family typology after adolescent or young adult's sudden violent death. *Journal of Family Nursing*, 8, 1, 32-49.
- Lord, J.H. (2006). Spiritual essentials. In E.K. Rynearson. *Violent death: resilience and intervention beyond the crisis* (pp. 65-84). New York: Routledge.
- Mendes, A.M. (2007). Pesquisa em psicodinâmica: a clínica do trabalho. In A.M. Mendes. *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 65-87). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Miller, L. (2009). Family survivors of homicide: I. Symptoms, syndromes, and reaction patterns. *The American Journal of Family Therapy*, 37(1), 67-79.
- Mota, E.L., Franco, A.L.S. & Motta, M.C. (1999). Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(1), 28-42.
- Parapully, J., Rosenbaum, R., Daele, L. & Nzewi, E. (2002). Thriving after trauma: The experience of parents of murdered children. *Journal of Humanistic Psychology*, 42(1), 33-70.
- Poletto, M. & Koller, S.H. (2006). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Raphael, B., Stevens G. & Dunsmore J. (2006). Clinical theories of loss and grief. In E.K. Rynearson. *Violent death: resilience and intervention beyond the crisis* (pp. 3-29). New York: Routledge.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*, 21(2), 119-144.
- Salloum, A. & Rynearson, E.K. (2006). Family resilience after violent death. In E.K. Rynearson. *Violent death: resilience and intervention beyond the crisis* (pp. 47-64). New York: Routledge.
- Temple, S. (1997). Treating inner-city families of homicide victims: a contextually oriented approach. *Family Process*, 36(2), 133-149.
- Waiselfisz, J.J. (2007). *Relatório de desenvolvimento juvenil*. Brasília: RITLA, Instituto Sangari, MCT.
- Walsh, F. & McGoldrick, M. (1998). A perda e a família: uma perspectiva sistêmica. In F. Walsh & M. McGoldrick. *Morte na família: sobrevivendo às perdas* (pp. 27-55). Porto Alegre: Artmed.
- Walsh, F. (2007). Traumatic loss and major disasters: strengthening family and community resilience. *Family Process*, 46(2), 207-227.

Recebido em: 17/01/2010. Aceito em: 12/07/2010.

**Dados das Autoras:**

Daniela Fontoura Domingues – Psicóloga, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde da UnB.

Ana Carolina Villares Barral Villas Boas – Psicóloga, mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Unesp-Bauru e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde da UnB.

Maria Auxiliadora Dessen – Docente do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília.

**Enviar correspondência para:**

Maria Auxiliadora Dessen  
Laboratório de Desenvolvimento Familiar  
Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília  
Campus Universitário Darcy Ribeiro  
CEP 70.910-900, Brasília, DF, Brasil  
E-mail: danydom61@gmail.com